

TEMAS E FIGURAS EM VERSÕES DA FÁBULA “A GALINHA DOS OVOS DE OURO”

IVETE IRENE SANTOS (MACKENZIE E ISEAP)

RESUMO:

Objetivamos neste artigo analisar a fábula, um gênero constantemente revisitado. O *corpus* é constituído por quatro textos intitulados “A galinha dos ovos de ouro”, dos autores Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Maurício de Sousa e Moacyr Scliar. Levantamos as diferenças na narrativa e, por consequência, as variações na mensagem–moral extraível delas.

Para tanto, apoiamo-nos em teorias que versam sobre intertextualidade e análise do discurso, buscando classificar a relação intertextual como paráfrase, estilização ou paródia, apresentando um quadro comparativo dos seguintes itens: “enredo”, “personagens”, “a galinha dos ovos de ouro”, “os ovos de ouro”, “a descoberta do fato”, “a interação com o evento”, “a morte da galinha”, “a moral da fábula”, “figuras e temas apresentados”. Por meio deste estudo, discutimos também a presença dessa fábula na cultura, além de procurar demonstrar a atualidade e adaptabilidade da fábula esópica.

Palavras-chave: fábula, intertextualidade, literatura infantil, discurso.

Introdução

Ao lermos as narrativas que prefiguram o *corpus* desse artigo, textos intitulados A galinha dos ovos de ouro, de autores diferentes: Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Mauricio de Sousa e Moacyr Scliar, visualizamos explicitamente as variações textuais das mesmas, reveladas pela extensão dos textos, pela representação dos personagens, pelo enfoque do enredo, enfim, pelas várias características que molduram cada uma destas produções.

Poderíamos considerar que essa diferença se dá, sobretudo, pelo contexto social-histórico em que foram escritos, mas afirmamos que, neste estudo, partimos do texto para ressaltar o contexto, e não o inverso, uma vez que observamos discursos diferenciados até mesmo em textos produzidos em um mesmo contexto enunciativo.

Vejamos então, a seguir, como cada texto se apresenta em relação ao enredo, personagens, moral, enfim, aos aspectos particulares que os caracterizam como produções criativas e importantes do contexto literário-cultural em que vivemos, revelando assim, as variações textuais e discursivas.

Análise comparativa das versões de “a galinha dos ovos de ouro”

Caracterizando a narração e o enredo

A narrativa em cada texto se mostra diversa, de acordo com a especificidade dos enredos desenvolvidos. No texto de Monteiro Lobato temos a narrativa em forma de encaixe, no livro *Fábulas*, em que os personagens de uma história inicial, *O Sítio do Picapau Amarelo*, ouvem e comentam entre si, a fábula “A galinha dos ovos de ouro”. Millôr Fernandes, por sua vez, usa para narrar os fatos, um locutor impessoal em terceira pessoa e sua narrativa é independente, mas pertence a uma obra com textos do mesmo gênero: *Fábulas fabulosas*.

Já Maurício de Sousa faz uso do discurso direto, uma vez que a fábula é apresentada pela linguagem das histórias em quadrinhos, com o auxílio dos ícones, e por este motivo, são os personagens os próprios enunciadores do texto. No texto de Moacyr temos a presença também de um narrador em terceira pessoa que, contudo, em muitos momentos, assume a visão das personagens (sobretudo a galinha) do texto.

Quanto ao enredo, observamos que tanto Monteiro Lobato quanto Moacyr Scliar centralizam a narrativa na figura do dono da galinha e a descoberta do ovo de ouro, com as conseqüências que tal fato acarreta para a vida de cada um. Maurício de Sousa

também dá destaque para o dono da galinha, no caso o Chico Bento, e a fraude do possível ovo de ouro, e os desdobramentos de tal fato.

Com Moacyr Scliar, contudo, temos uma mudança no enfoque, uma vez que é a galinha e seu conflito interior, o maior destaque do texto, e até mesmo em relação ao ovo de ouro há uma diferença em relação aos demais textos, uma vez que, neste caso, a história já se inicia com a galinha botando ovos, não havendo, portanto, o elemento “descoberta”, o fato surpresa, apesar de também revelar as conseqüências deste evento na narrativa.

Os personagens

No texto lobatiano, temos o detalhamento na informação sobre o personagem, a nomeação de “João Impaciente”, o dono da galinha. Seu nome já traz intrínseca sua característica principal: a impaciência. Também, interagindo com este, há a sua esposa, não nomeada no texto. Esta estrutura aproxima-se do texto original de Esopo, em que o dono e sua mulher descobrem e sofrem as conseqüências de terem uma galinha que botava ovos de ouro.

No texto de Millôr Fernandes, temos a figura do dono da galinha, identificado no texto apenas pelo substantivo “homem”. Não está presente na narrativa a figura da esposa do homem, como ocorre no texto de Lobato. Neste é apenas o homem que vivencia o fato inesperado de a galinha botar ovos de ouro. Há também a presen-

ça da mídia no texto, que dá repercussão ao evento e torna o homem e sua galinha famosos.

No texto do Maurício de Sousa, os personagens são os já tradicionais da turma da Mônica: Chico Bento, seu pai, sua mãe e a galinha Giselda. Neste texto é a mãe quem promove a ação inicial, e o pai surge, de maneira mais atuante, apenas no final da história. Também há a presença da mídia, que divulga o episódio pela televisão.

No texto de Moacyr Scliar, além da galinha, fazem parte da história, o dono da galinha, identificado como Romão, um homem grosseiro, bruto, mais animalizado do que os animais apresentados na narrativa. Há também outro personagem humano, Amâncio, jogador profissional, sem entusiasmo, assim como Romão, ao fato de a galinha botar ovos de ouro. Outro personagem de destaque neste texto é o galo de briga campeão, conhecido como Torpedo, que, aliás, é apaixonado pela galinha e apresenta uma sensibilidade e dedicação não observadas nas personagens humanas presentes no texto. Assim como no texto de Millôr Fernandes, esta narrativa não apresenta a figura da esposa, e Romão, jogador inveterado, é apresentado como o único dono da galinha e a repercussão do fato limita-se a esses personagens.

A galinha dos ovos de ouro

A galinha que bota ovos de ouro é a personagem destaque destas fábulas, nomeando-as e sendo o ponto de partida para os

acontecimentos posteriores. Nos textos estudados, como não poderia deixar de ser, a galinha desempenha seu papel, ora como coadjuvante ora como personagem principal dos fatos que se desenrolam na história. Na versão de Monteiro Lobato a galinha tem o papel de apenas botar os ovos, não sendo retratada de maneira especial, apesar de ser esta a portadora de um “dom” nada comum. Com Millôr Fernandes esta personagem apresenta alguns índices de personificação, uma vez que ela, diante das câmeras de televisão, dava seu show, e até em determinado momento, num grande esforço, consegue botar um ovo de ouro diante da platéia que a assistia.

Já na produção mauriciana, a galinha de estimação do Chico Bento, carinhosamente conhecida como Giserda, não apresenta, apesar do nome, necessariamente características que a personifiquem. É uma galinha quase comum, embora, em determinados momentos, revelados pela linguagem icônica dos quadrinhos, parece retribuir com o olhar, o extremo carinho que seu dono tem por ela.

No texto de Moacyr Scliar, é que temos de fato uma intensa personificação da galinha. Nesta narrativa a galinha apresenta sentimentos intensamente humanos: ela ama seu dono e sofre com a rejeição que sofre, tem sonhos e pretensões, esperanças e frustrações. Ela de fato apresenta um comportamento mais humano do que os demais personagens da história e do que as demais galinhas dos outros textos.

Os ovos de ouro

Outro aspecto vital para estas fábulas é o ovo de ouro. Na verdade este é o mote para os fatos que se desenrolam posteriormente. Ele representa o ganho fácil, a possibilidade de enriquecimento rápido, a melhoria da condição de vida. Também é o elemento que desperta a ganância e a impaciência.

No texto de Lobato o ovo, botado com a regularidade de um por semana, não é descrito de maneira especial: é apenas um ovo de ouro. No texto de Millôr Fernandes a galinha bota o ovo diariamente, e este é detalhado em seus componentes: “clara, gema, gala, tudo de ouro!” para que, desta forma, seja enfatizado sua constituição: era todo feito de ouro. Já na história em quadrinhos o ovo da galinha nem sequer é de ouro, uma vez que tudo não passa de armação do Chico Bento para defender a Giselda. Este faz uso de um ovo comum, que ele pinta para dar a impressão de que era de ouro.

No texto de Moacyr Scliar, o ovo, botado diariamente, é descrito por meio da ótica e sentimentos que a galinha nutria pelo mesmo: ele é referido como “coisa”, um objeto amarelo, recoberto por uma secreção sanguinolenta, dando realmente a impressão de um parto difícil. Aliás, vale lembrar que é somente neste texto que os instantes antes de botar o ovo, é descrito com tantos detalhes. É possível perceber o sofrimento da galinha, sua dor e o desprezo dela pelo “fruto das suas entranhas”.

A descoberta do fato

No texto de Monteiro Lobato, João Impaciente descobre que a galinha punha ovos de ouro, quando vai até o quintal. Sua reação é de extrema alegria e ele, juntamente com sua mulher, logo expressam a sua alegria por já se considerarem ricos.

No texto de Millôr Fernandes a galinha começa a botar ovo de repente, fato logo percebido pelo seu dono. Este fica extremamente espantado e ao mesmo tempo ansioso, uma vez que ele mal podia dormir esperando o outro dia, para conseguir mais outro ovo de ouro.

No texto de Maurício de Sousa, quando a mãe de Chico Bento fica sabendo, mesmo não correspondendo à verdade, que a galinha Giselda botava ovos de ouro, sua reação é de espanto e de alegria, revelada na expressão “Vamo fica rico!” Observamos aqui que, diferentemente do que ocorre no texto de Millôr Fernandes, a personagem não se vê ainda como rica, mas vislumbra, nos acontecimentos daquele momento, a possibilidade de ficar rica no futuro, progressivamente.

O texto de Moacyr Scliar inicia-se com a galinha já botando ovos de ouro, portanto, não há o elemento descoberta. Este fato parece até mesmo ser corriqueiro e as personagens não demonstram espanto ou admiração em relação aos ovos de ouro. Este continua a ser objeto que propicia enriquecimento (não para o dono da galinha, mas sim para Amâncio, seu adversário no jo-

go) e de barganha, mas não é tido como algo inusitado e de grande importância.

Interação com o evento

Na versão lobatiana as personagens empolgam-se com o fato e, no caso do João, logo surge a “impaciência”, pois ele queria ficar rico mais rapidamente. Como a galinha só botava um ovo por semana, não era possível obter um ganho considerável em tempo tão curto. Temos aí a ganância, a busca por um ganho rápido.

Já na versão de Millôr Fernandes, inicialmente tudo corria bem, a galinha botava um ovo por dia, e além de tudo, juntamente com o evento, veio a fama, a celebridade. Mas quando a galinha deixa de botar ovos de ouro (fato que ocorreu de maneira instantânea, assim como no início, quando esta começara a botar os tais ovos), o homem se desespera. Este período de prosperidade ainda não tinha sido suficiente para que este acumulasse a riqueza que almejava.

Na versão de Maurício de Sousa, descobrir que a galinha botava ovos de ouro traz grande alegria para a mãe do Chico, mas esta ainda fica um pouco atordoada com a repercussão dos fatos, uma vez que a mídia logo fica sabendo, e quer filmar o fato inusitado. Esta repercussão é notada pela presença dos vizinhos da casa e pela chegada do pai do Chico, que quando fica sabendo da

notícia, deixa o serviço e volta para casa. Apenas Chico fica sabe que tudo não passa de uma mentira inventada para salvar a galinha, inferimos que ele não esperava que o fato repercutisse e comprometesse tanto. Ele apenas queria evitar que Giserda virasse canja.

Na versão scliariana, a interação de Romão, dono da galinha, com o fato de a galinha botar ovos de ouro, parece normal e corriqueiro. Diariamente ele pega o ovo da galinha e o leva para apostar no jogo. Amâncio aceita o ovo como moeda para o jogo, e quando ganha, pega o ovo, examina-o com a postura de profissional, guardando-o juntamente com os outros que ganhara anteriormente. Romão se exalta apenas quando, ao querer um ovo extra para mais uma aposta no jogo, vê a dificuldade de consegui-lo, uma vez que a galinha só botava um ovo por dia. Ele queria mais, porém não para acumular riqueza, mas sim para ter a satisfação de ganhar de Amâncio, fato que ele tinha esperança de ocorrer. E o seu vício no jogo, além de sua intolerância e brutalidade, fazem com que este se desespere na busca por mais um ovo de ouro.

A morte da galinha

No texto de Monteiro Lobato, a galinha é morta devido à impaciência de João. Sua morte é descrita de forma rápida: João simplesmente a matou, para depois descobrir que dentro dela só havia “tripas”, como nas demais galinhas. No texto de Millôr

Fernandes, percebemos que o homem “abriu” a galinha (eufemismo para o termo matar), devido a ausência de ovos, ou seja, quando a galinha deixou de botá-los, o homem escondeu o fato por algum tempo, mas quando não mais conseguiu esconder, abriu a barriga da galinha para ver se dentro desta havia algum ovo de ouro. Este se revela um ato de desespero.

Com Maurício de Sousa a galinha não chega a ser morta, uma vez que não há ovos de ouro de fato, não justificando, portanto, a morte da galinha por causa dos mesmos. O motivo inicial que suscitara a possibilidade dela ser morta, era o fato dela estar velha, portanto não ser mais útil, o que foi contestado por Chico, que amava a galinha independente da sua condição física ou etária.

Com Moacyr Scliar a galinha é morta pela incompreensão, brutalidade e também ganância de Romão. Este queria por todos os meios que a galinha botasse mais de um ovo naquele dia, não observando que isto era quase impossível para a galinha (mesmo esta querendo, como nos é revelado, acima de tudo, agradar Romão). Ele insiste e, diante da impossibilidade do fato, juntamente com a agressão de Torpedo para defender a galinha que ele tanto amava, mata a galinha e o galo, de maneira brutal e sanguinária.

As repercussões

No texto de Lobato, João, após a morte da galinha, continua sua vida medíocre, na pobreza, demonstrando que este não soubera ganhar nada durante o episódio da galinha dos ovos de ouro.

No texto de Millôr Fernandes, o homem, que inicialmente era pobre, apesar de seu ato de desespero, matando a galinha, acaba por tirar algum fruto disto, uma vez que, aproveitando-se da fama adquirida durante este período, abre um restaurante com o nome “Aos ovos de ouro”, demonstrando assim ser uma pessoa criativa e moderna.

No texto em quadrinhos, quando todos descobrem a farsa do Chico, há uma decepção geral, mas os pais desculpam o filho, e Dona Cotinha, mãe do menino, acaba desistindo de matar Giserda, percebendo o grande amor de Chico pela galinha. Vemos, desta forma, que o episódio da “galinha dos ovos de ouro”, mesmo sendo de mentira, gerou resultados positivos, aproximando esta narrativa da construída por Millôr Fernandes, em que é possível resgatar algo de bom de todos estes acontecimentos.

No texto de Moacyr Scliar, assim como ocorre no texto de Millôr Fernandes, a morte da galinha parece ser um fato prejudicial ao personagem. Romão, após matar a galinha, parece não perceber a loucura do seu ato. Ele ri e atribui as conseqüências ruins a Amâncio. Ele não parece perceber o mal que causou. Sub-

entende-se que este ato trará péssimos resultados para ele, um jogador inveterado, desequilibrado e que acabara de matar aquela que lhe nutria um amor verdadeiro: a galinha dos ovos de ouro.

A Moral

Assim como no texto original, a maioria das narrativas analisadas trazem, explícita ou implicitamente, uma moral/mensagem ao final da história. Em Millôr Fernandes, como é explícito no próprio texto: “Quem não sabe esperar, pobre há de acabar”. Já com Millôr Fernandes temos a polissêmica expressão “Cria galinhas e deita-te no ninho”, que pode ser tomada no sentido denotativo ou conotativo.

Na narrativa de Maurício de Sousa, implicitamente é possível perceber que, defender, mesmo com mentiras, e lutar por aquilo que se acredita (no caso da história, salvar a vida da galinha de estimação), é um ato de bondade e pode trazer bons resultados. No texto de Moacyr Scliar não há a explicitação de uma moral com um provérbio, mas podemos retirar dessa produção várias tematizações.

Panorama – as figurativizações e tematizações:

Observando estas narrativas, podemos perceber o quanto elas se basearam no texto original e o quanto elas renovaram a

mesma, apresentando aspectos novos, que revelam as releituras feitas. Dos quatro textos, a que mais guarda identificação com o texto original é a versão de Monteiro Lobato. Nele vemos muitas características que estão presentes na fábula de Esopo: a descoberta do fato, a impaciência do dono, a morte da galinha, a decepção, o término da vida em pobreza. O diferencial se revela, sobretudo, pela inserção das personagens do Sítio, que após a narração da história, comentam e discutem sobre os acontecimentos.

Temos no texto de Millôr Fernandes o tema ansiedade, que faz perder a tudo, que se figurativa com os elementos: dono, galinha, morte da galinha, por falta de cautela, e, aproximando do texto esópico, é considerado paráfrase e já indique uma modificação. Inferimos que pelo comentário de Pedrinho que a fábula está sendo lida; aparentemente é dona D. Benta que está lendo, todavia há indícios de adaptação ao contexto brasileiro.

A paráfrase retoma o texto-base e o confirma, aprofundando alguns detalhes que não “se lê esse discurso pensando mais no texto-base do que na variante” (DISCINI, 2002, p. 257); há um desvio mínimo; a paráfrase conforma as variações na fábula revisitada por Lobato não apresenta intradiegeticamente alterações que polemizem o texto esópico.

No texto de Millôr Fernandes, o fator que mais se destaca é o humor, seja na presença da mídia, o fato se tornando show, até o desfecho irônico, em que o homem abre um restaurante e passa

a ganhar mais até mesmo do que o período em que possuía a galinha.

No texto de Millôr Fernandes, o tema é a esperteza que vence a situação problema, figurativizado com o acréscimo à narrativa na ação realizada pelo personagem de se aproveitar da fama ganhada por causa da galinha.

O texto de Millôr constitui-se como paródia, uma vez que subverte a moralidade apresentada no primeiro texto, subverte-a porque a fábula acaba tendo uma outra progressão narrativa que desencadeia outras figurativizações.

É paródia não só em relação ao texto-base, mas ao próprio gênero fábula – didático moralista, uma vez que brincando a moral ele cria uma nova ela ressalta os valores contemporâneos e que a esperteza, espírito moderno, contrasta com o clássico, mas referencia-o.

A história de Maurício de Sousa afasta-se do texto original, na medida em que revela não haver de fato a galinha dos ovos de ouro. Tudo não passara de uma armação do Chico Bento para salvar sua galinha de estimação. Não temos, portanto, o fator fantástico, e as conseqüências que este acontecimento inusitado poderia realmente desencadear na vida das personagens.

É paráfrase na medida em que recupera a fábula, na ação de a galinha botar ovo de ouro, mas apresenta-se como paródia, na medida em que se apresenta como uma farsa, conflitando a realidade e o maravilhoso (que seria a galinha botar o ovo de ouro),

que seria tomado como literal, merecendo a repercussão midiática.

Com Maurício de Sousa o grande diferencial está na humanização da galinha que demonstra grande sensibilidade diante dos acontecimentos e, como aspecto de relevância na narrativa, está extremamente apaixonada pelo seu dono. Também há a presença de outros personagens como o galo Torpedo, apaixonado pela galinha, as outras galinhas, com comportamentos quase humanos e Amâncio, companheiro de jogo de Romão. Romão, por sua vez, é caracterizado como um bêbado, jogador inveterado, grosseiro e animalizado, características estas que não estão presentes nos outros textos. A diferença no enredo explicita-se pelo fato de a galinha já iniciar a história botando ovos de ouro, além de os acontecimentos serem motivados pelo jogo.

Tomando a estilização como assimilação do texto-base, re-dimensionando-o, ampliando o alcance da narrativa, universalizando os temas e as figuras (uma intertextualidade reformadora do texto-base), podemos considerar o texto scliariano como tal: a sua narrativa recupera o texto e o discurso da fábula esópica, reformo-o com o acréscimo de detalhes, seja no que se refere às personagens, seja ao enredo e as tematizações.

Todos os textos aqui analisados são literatura, reorganizam o mundo em termos de arte, representando-o ficcionalmente. Os textos são discursos e, nessa reorganização ficcional, revelam o mundo e o homem.

Considerações finais

Constatamos com este trabalho que a fábula – produção textual –, surgida na oralidade, e considerada, dependendo da época e da teoria classificatória, forma ou gênero somente didático-moralista, é uma produção constantemente revisitada em narrativas parafrásicas, parodísticas e estilísticas, sendo esta também, é utilizada na contemporaneidade pelas diversas mídias, como elemento de composição de novas produções, sob a forma de alusão, citação ou até mesmo recriação.

Ao ser retomada, acaba por renovar-se, demonstrando que este tipo de composição, ainda que faça uso de animais, enfatiza mesmo é a mensagem, falando ao homem e sobre o homem. Como todo texto retoma outros textos, a re-leitura de uma fábula retoma o seu discurso e revela os valores que permanecem e os que se modificam, de acordo com as coerções sociais e o subjetivismo do enunciador, revelados no texto. Assim é interessante observarmos a fábula enquanto discurso, articulando às re-leituras, a noção de interdiscursividade, pois os discursos são retomados e materializados.

Em todos os tempos, desde o séc V a.C. com Esopo até os dias de hoje, o dinheiro, que na fábula em destaque neste trabalho era simbolizado pelo ovo de ouro, sempre foi elemento necessário, base da sociedade capitalista. Podemos tomar a galinha dos ovos de ouro como a fonte de renda, ou ainda como aquilo que

nos propicia o desejado. O ato de matar a galinha representa a perda não só deste bem, mas, metaforicamente, de qualquer elemento que ofereça uma possibilidade de mudança de vida. Entre o ter pouco, mas continuamente e o perder tudo, geralmente por falta de estratégias, paciência, senso, sempre acabamos por colocar tudo a perder. Por este caráter metafórico, adaptável a vários contextos situacionais, como citação em várias produções.

A versão dos autores Monteiro Lobato e Maurício de Sousa configuram a presença desta fábula como gênero na Literatura Infantil. A produção em quadrinhos, aqui representada por Maurício de Sousa, e tomada como forma de apresentação do texto, demonstra uma tendência que é cada vez mais comum na contemporaneidade: a exploração dos textos nas diferentes formas midiáticas. A presença das fábulas nas diferentes mídias revela que estas narrativas fazem parte do imaginário cultural e, por outro lado, a sua revisitação colabora para sua permanência.

Já as revisitações realizadas por Millôr Fernandes e Moacyr Scliar, demonstram como essa produção discute temas que correspondem ao universo adulto, e revelam as diferentes possibilidades de variações que esta narrativa abriga. Reafirmamos aqui o motivo da escolha desses autores considerados grandes representantes da literatura nacional, colaboradores, portanto, para a divulgação deste gênero e, mais especificamente, desta fábula.

A fábula é um gênero que se comunica constantemente conosco, sendo, portanto, bastante atual, uma vez que trata, acima

de tudo, de ações motivadas por características psicológicas: ansiedade, irracionalidade, dúvida, medo, etc. A modificação da moralidade, textualidade, figurativização, remete também às possibilidades de recepção e reprodução do texto. Nas narrativas analisadas, há referências explícitas ao texto esópico, mas cada nova reescrita, com acréscimos ao enredo, modificação dos personagens, diferentes caracterizações, mais que demonstrar a moralidade do contexto histórico em que foram produzidos, apresentam-se como matizes das ações humanas, em que podemos re-escrever e agir como um desses personagens, ou ainda, enunciar sob a ótica da galinha.

Referências bibliográficas:

- BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed., Campinas: Unicamp, 2002.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2001.
- DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*, São Paulo, Humanitas, 2002.
- DRUMMOND, Regina. *Fábulas de Esopo*. Adap. de Regina Drummond. São Paulo: Paulus, 1996.
- ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Trad. de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 112.
- FIGUEIREDO, Guilherme. *Fábulas de esopo*. Adap. de Guilherme de Figueiredo. Rio de Janeiro: ediouro, 2001.
- FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. São Paulo: Circulo do Livro, 1974.
- _____. *Eros uma vez*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *A fábula brasileira ou a fábula saborosa tentativa paideumática da fábula no Brasil*. (Tese de Livre-Docência) – Universidade de São Paulo – FFLCH. São Paulo, 1994.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. *Monteiro Lobato*: biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Iajol. São Paulo: Abril Educação, 1981.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Trad. Freda Indursky. 3. ed., São Paulo: Pontes, 1997 (LOCAL).

_____. *Termos-Chave da Análise do Discurso*, Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES. “A galinha dos ovos de ouro”. *Mônica fábulas*. (coleção um só tema n.º 6). São Paulo, Globo, março/ 1994.

_____. “O patinho Lelé”. *Chico Bento*, n.º 342. São Paulo: Globo, março 2000.

_____. “Um ovo muito valioso”. *Chico Bento*. São Paulo: Globo, dezembro, 1996.

SMOLKA, Neide C.C. *Esopo: fábulas completas*. São Paulo: Moderna, 2003.

SANT’ANNA, Affonso Romano. *Paródia, paráfrase e companhia*. Ática, 1998.

SANTOS, Ivete Irene. *Fábula e intertextualidade*: as figurativizações e tematizações em versões de “A galinha dos ovos de ouro”. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, curso Comunicação e Letras. São Paulo, 2002.

SCLIAR, Macyr. *Os melhores contos de Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 2003.

VARGAS, M. V. A de Mello. *Do Pancantrantra a La Fontaine: tradição e permanência da fábula*. (Tese de doutorado) – Universidade de São Paulo – FFLCH, área filologia linguística românica, USP, 1990.

_____. “Reflexos da fabula indiana nos textos de Monteiro Lobato”. Magma, São Paulo, n. 2 , p. 74-87, 1995.

_____. *Fabula indiana e sua expansão para o ocidente*. Revista de Estudos Árabes, Sao Paulo, v. 2 , n.4 , p.35-50, jul./dez. 1994.